

## Em torno de uma noção baudrillardiana

### *Around a Baudrillardian concept*

JUREMIR MACHADO DA SILVA

Doutor em Sociologia pela Sorbonne, Paris V. Coordenador e Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. <[juremir@pucrs.br](mailto:juremir@pucrs.br)>

### RESUMO

Este texto examina uma noção concebida pelo pensador francês Jean Baudrillard: a mídia que, não se respeitando mais, toma-se pelo acontecimento. Trata-se, portanto, mais uma vez, do papel dos meios de comunicação numa sociedade extremamente midiaticizada. Uma pergunta se impõe: mesmo o jornalismo tornou definitivamente entretenimento? Entre a teoria e a prática, os rastros da mutação parecem eliminar qualquer dúvida. De certo modo, passados cinco anos da morte de Baudrillard, este artigo faz um balanço do seu legado através de um fragmento da sua imensa, rica e polêmica obra de analista irônico.

PALAVRAS-CHAVE: Jean Baudrillard; Mídia; Espetáculo.

### ABSTRACT

This paper examines a concept conceived by the French philosopher Jean Baudrillard: the media which, not respecting anymore, takes itself as the event. Therefore, it is once again about the role of media in a highly mediatic society. A question arises: even journalism has definitely become entertainment? Between theory and practice, the traces of the mutation appear to eliminate any doubt. Somehow, five years after Baudrillard's death, this paper takes stock of his legacy through a fragment of his vast, rich and controversial work as an ironic analyst.

KEYWORDS: Jean Baudrillard; Media; Spectacle.

## O paradoxo Baudrillard

Faz cinco anos que Jean Baudrillard morreu. Ele amava a ironia e os paradoxos. Depois de uma juventude marxista e estruturalista, descobrira as delícias do nihilismo filosófico. Descrer tornou-se a sua única crença. Não se considerava um cientista e ria da obsessão da sociologia positivista pela objetividade, o que lhe parecia uma busca desesperada e inútil de legitimidade acadêmica ao gosto, paradoxalmente, da mídia rasteira alheia aos procedimentos intelectuais mais sofisticados. Em conversas regadas a bons vinhos tintos franceses, ou mesmo em entrevistas formais, afirmava, num belo jogo de palavras, trabalhar com ensaios de ficção científica. Chegava a declarar-se um impostor. Implicava sobremaneira com o que chamava de “prova pela citação bibliográfica”.

Certa vez, num encontro que tivemos na sua casa, em Paris, rue Sainte-Beuve, profetizou que, no futuro, eu não poderia usar, num texto acadêmico, o que ele estava me dizendo, por mais que me parecesse interessante e deliciosamente provocativo, por quatro razões cristalinas: teria de usar a primeira pessoa do singular para situar o contexto da conversa, o que seria visto como uma inadequada penetração da subjetividade e do narcisismo no discurso científico; teria de fazer uma citação a partir de uma declaração oral, sem legitimidade por falta de referência bibliográfica (obra, cidade, editora, ano, número de página); não teria como provar a veracidade da declaração, que ganharia status de suposto depoimento ou de falsa intimidade; a operação seria reduzida a mero jornalismo ou, pior, à condição de crônica de reminiscência com origem duvidosa. Ironicamente, entre um gole e uma risada, sugeri que eu publicasse num jornal o que ele estava afirmando e depois citasse o jornal num artigo com pretensões acadêmicas.

O que Baudrillard estava dizendo? Simplesmente que lhe parecia ingênuo ou até irracional o privilégio dado pelos acadêmicos às fontes escritas e à pretensa objetividade

da terceira pessoa do singular. Zombava de quem o criticava por quase não usar notas de rodapé nem bibliografia ao final dos seus livros. Pensava sem muletas. Inspirava-se em grandes autores como Nietzsche e Heidegger. O valor das ideias estava, no seu entender, em outro lugar, na liberdade de pensamento. Não lhe interessava provar algo, mas fazer pensar. Jean-Baudrillard publicou uma vasta obra sempre citada para legitimar argumentos acadêmicos. O paradoxo Baudrillard é este: um pensador pouco acadêmico, avesso aos dispositivos do discurso universitário ou científico, usado para dar sustentação a dissertações e teses rotuladas como “trabalhos científicos”. Por quê? Porque Baudrillard era uma máquina produtora de ideias, uma usina de hipóteses, uma fábrica de possibilidades, um provocador contumaz. As suas “hipóteses” hiper-reais prescindiam da demonstração cabal. Cabe ao leitor dar continuidade ao trabalho de prospecção do pensador. Jean Baudrillard foi o intelectual do provisório, do indefinido, das definições extremas, no extremo, do incompleto, da relação aberta, do argumento como jogo.

### **A crônica intelectual como ensaio menor**

Com Baudrillard, pós-moderno *malgré lui-même*, menos é mais. A sua grande habilidade consistiu, na melhor tradição francesa, em sintetizar, em compactar o complexo em etiquetas simples ou, melhor, difíceis, mas espetacularmente simplificadas pela pertinência e pela pluralidade de sentidos enfeixados. A profusão de conceitos e noções criada ou aprofundada por ele é enorme. Pensar é dar nome, rotular, buscar o sentido pela nomenclatura, fazer vir à tona pela designação, suprema magia da palavra como descobrimento. Jean Baudrillard navegou entre simulacros, simulações, hiper-realidade, sistema dos objetos, sociedade de consumo, maiorias silenciosas, transparência do mal e tantas outras fórmulas ou formulações que o consagraram e tornaram mundialmente conhecidas a sua sintaxe. Não é disparatado adotar como

hipótese *ad hoc* que Baudrillard inventou um gênero: a crônica intelectual como ensaio menor.

Por um lado, Baudrillard foi um pensador que abandonou a tentação dos sistemas e abraçou as formulações aforísticas ao estilo de Nietzsche. Por outro lado, deu aos seus fragmentos uma relação de continuidade, enlaçando-os uns aos outros sem precisar recorrer a conectivos explícitos ou pesados. Baudrillard foi uma espécie de solista improvisando movimentos a partir de um repertório recorrente, obsessivo, paradoxalmente denso e leve a um só tempo. É comum que um neófito em Baudrillard o considere negativo, apocalíptico, rabugento, queixoso, pessimista e mal-humorado. A leitura atenta ou mais cautelosa dá a ver um escritor irônico, leve, perspicaz, praticamente um humorista intelectual, praticamente de um humor ferino, ácido, desconcertante, agressivo, impiedoso e renovador. A estratégia de Baudrillard é fatal: os sentidos não visíveis a olho nu emergem diante do olhar perplexo, espantado, deslumbrado ou incrédulo dos leitores.

Ao trator da atualidade como temática do cotidiano, falando de mídia ou de clonagem humana, de purificação étnica ou de corrupção, de atentados terroristas ou de celebridades, Baudrillard adota o tom do cronista intelectualizado para refletir como um ensaísta maior. Maior ou menor? Em certo sentido, a sua crônica é um ensaio menor. Não tem a retórica nem a pompa do grande ensaio. Se ecoa Michel de Montaigne em alguns momentos, parece mais próximo dos moralistas franceses dos séculos XVII e XVIII. O minimalismo, esse tom menor, revela-se rapidamente uma estratégia para o ensaio maior. Em tempos de implosão da narrativa longa e dos sistemas explicativos completos do mundo, o pensador precisa se metamorfosear em cronista. É a astúcia da razão fragmentada, não só pensar o todo como parte, não apenas tentar compreender a relação dual da parte com o todo, mas se fragmentar para melhor agarrar o pedaço que se afasta como uma placa tectônica da totalidade original.

A lógica de Baudrillard não pressupõe, obviamente, uma essência a ser decifrada pelo aparelho intelectual de um observador poderoso capaz de dar objetividade aos fenômenos obscurecidos pela falta de transparência natural. Em contrapartida, embora não lhe parece necessário explicitar esse procedimento, entende que cada situação é uma pluralidade de sentidos não imediatamente perceptíveis ao olhar do observador por mais que este queira penetrá-lo, radiografá-lo, iluminá-lo. Há nas profundezas da aparência, sob a forma de discurso e narrativa, sentidos que exigem uma operação de desvendamento para se dar a ver na plenitude. O cronista intelectual, ensaísta menor para ser maior, recorre às maquinarias da linguagem para revelar o encoberto. Daí porque Baudrillard afirmava ser indiferente aos sentidos desvelados. Pouco lhe interessava o julgamento. Queria mesmo era realizar essa operação de “desocultamento”. Ver o real sob o real. Perceber o hiper-real, aquilo que se mostra como mais real do que o real, o substrato da realidade, o imaginário, mesmo que essa palavra seja completamente estranha ao vocabulário de Baudrillard.

### **A estranha lógica da informação**

Na vasta obra de Jean Baudrillard, *Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem* (1997) certamente não figura entre as mais importantes. Trata-se de uma coletânea de textos publicados no jornal parisiense *Libération* que saiu como livro primeiro no Brasil. Paradoxalmente, é uma das melhores ilustrações do sistema Baudrillard, a crônica como ensaio menor. O tema da informação perpassa cada texto. A informação sempre foi um assunto do interesse de Baudrillard. De certa maneira, ele perseguia a ilusão da informação na notícia. Por que precisamos saber que aconteceu um acidente de carro numa determinada rua e que morreram duas pessoas? Por que precisamos saber que, num acidente de trem na Índia, perderam a vida dez passageiros? Baudrillard percebia o vazio por trás da informação, o grau zero de informação útil, operacional, impactante, na maioria das notícias.

No fundo, sabia que por trás da aparente informação útil há sempre um sistema de preenchimento, uma lógica da produção noticiosa que obriga a informar mesmo aquilo que não incide sobre a vida do destinatário. Na maior parte das vezes, a informação é puro entretenimento, uma forma de preencher o tempo do jornalismo e de fornecer ao público um dado sem qualquer valor para a sua existência, um simulacro, um efeito de *remplissage* (preenchimento). Daí a indiferença do receptor, essa extraordinária capacidade de não se impressionar com notícias impressionantes sobre guerras distantes e de não registrar narrativas irrelevantes. No texto ironicamente intitulado *A informação no estágio meteorológico*, Baudrillard provoca: “O espaço entre o verdadeiro e o falso não é mais um espaço de relação, mas um espaço de distribuição aleatória. Poderíamos, claro, dizer o mesmo do espaço entre o bem e o mal, o belo e o feio ou entre a causa e o efeito” (1997, p. 60). O real não interessa.

Ou só interessa como fonte de uma narrativa verossímil. Na época da crise da verdade, o público quer uma ilusão de realidade. Quer que lhe contem histórias pretensamente verdadeiras, mais reais do que a realidade da ficção por emanarem de um real qualquer. O consumidor de telejornais é um receptor que gosta de realismo para ser consumido como ficção. Absorve, digere e elimina o conteúdo da telenovela e do noticioso com a mesma lógica de entretenimento, embora atribua às notícias um valor ampliado em função da sua origem na realidade. Baudrillard ironiza:

“

*Não é por acaso que, em toda a mídia, o boletim meteorológico segue ou precede imediatamente as cotações da Bolsa. A incoerência das flutuações especulativas responde à flutuação das computações sobre o tempo, ao que se adiciona a das múltiplas sondagens, que refletem a mesma lógica em nível de opinião pública.*

(Baudrillard, 1997, p. 61-62)

Lógica sinuosa. Tudo é assunto para ser comentado, eis a lógica que Baudrillard parece decifrar ao analisar o mundo das notícias. Equivalência quase geral entre os temas. Certo, o aumento do salário mínimo, num país como o Brasil, incide sobre a vida de milhões de pessoas e, portanto, foge da lógica do preenchimento noticioso. Os jornais, porém, não contam com notícias produtoras de efeitos concretos suficientes para preencher as suas edições. É imprescindível mesclar, fornecer o útil e o inútil com a mesma seriedade. A consequência é a perda de valor diferencial das noções de utilidade e inutilidade. Um clichê relativista impõe-se: o que é útil para um não será útil para outro. Equivalência geral da mercadoria. Muito se escreverá sobre interesse público e interesse de um público. A leitura de Baudrillard parece indicar que, sendo a notícia mercadoria, só existe interesse de público. O importante é fornecer assuntos para as conversações cotidianas do público de cada veículo.

A evolução do jornalismo rumo à equivalência geral dos assuntos se dá em paralelo com a da publicidade, que passa da descrição da utilidade de cada produto para a evocação conceitual de um imaginário passível de alguma associação com a mercadoria. O real dilui-se no ar e torna-se mera referência, um lastro a ser evocado em caso de necessidade, uma garantia pós-venda da qualidade do produto ou a fonte de inspiração para a campanha de divulgação. Tudo pelo bem-estar imediato:

“

*A virtualidade aproxima-se da felicidade somente por eliminar sub-repticiamente a referência às coisas. Dá tudo, mas sutilmente. Ao mesmo tempo, tudo esconde. O sujeito realiza-se perfeitamente, mas quando está perfeitamente realizado, torna-se, de modo automático, objeto; instala-se o pânico.*

(Baudrillard, 1997, p. 149)

O pânico só não se alastra catastroficamente porque cada um se reencontra com a realidade nos telejornais e nas telenovelas, obtendo os assuntos fundamentais para a ocupação do vazio cotidiano. A informação, assim como a ficção, vale mais pelo que permite dizer dela do que pelo que ela mesma diz. O conteúdo não passa de uma metamorfose da forma.

### **A mídia no lugar do fato**

A experiência levou rapidamente a mídia a compreender o funcionamento da relação entre público e publicação. A chegada do verão, o aniversário da “primavera árabe” e as dores de um ursinho órfão podem sensibilizar o público da mesma maneira, com vantagem, em geral, para as desgraças do bichinho abandonado. As agruras, expectativas, vitórias e ambições dos jornalistas também passam a encantar o destinatário. Meio e fato misturam-se definitivamente. Baudrillard deixa escapar um lamento: “A televisão chama bastante a atenção nos tempos que correm. Faz falar dela. Em princípio, ela está aí para nos falar do mundo e para apagar-se diante do acontecimento como um médium que se respeite. Mas, depois de algum tempo, parece, ela não se respeita mais ou toma-se pelo acontecimento” (1997, p. 157). Não é preciso ser especialista em crítica de mídia para compreender o alcance e a pertinência dessa afirmação.

No final de 2011, o Brasil assistiu à troca de apresentadoras do Jornal Nacional, noticioso da Rede Globo, o telejornal mais visto no país. A jornalista Fátima Bernardes cedeu seu lugar para Patrícia Poeta. Essa alteração funcional que, em outros tempos, ficaria limitada aos bastidores tornou-se a principal notícia. A leitora das notícias converteu-se em manchete. Como se sabe, as notícias de um telejornal são lidas pelos apresentadores graças a um equipamento conhecido como teleprompter, chamado simplesmente de TP, o que permite manter a cabeça erguida, com os olhos direto na

câmera. Não há improviso. No Jornal Nacional, além disso, quase não há entrevistas ao vivo. Que diferença faz se as notícias são lidas por Fátima Bernardes ou Patrícia Poeta? Não bastaria ser alfabetizado para cumprir a função? Pensar assim é esquecer a relação simbólica que se estabelece entre meio, jornalista e receptor. Uns, como se diz, passam credibilidade. Outros, não. O meio rivaliza diariamente com o acontecimento. Alguns fatos só se tornam acontecimentos pelo meio em que são divulgados.

Na imensa e sofisticada panóplia de conceitos de Baudrillard, máquina inesgotável de conceituação, a ideia de um meio que se toma pelo acontecimento aparece, em princípio, como banal, uma constatação passível de ser feita por qualquer receptor. Pode-se, contudo, arriscar uma aposta: e se essa hipótese trivial fosse a mais radical das intuições de Jean Baudrillard, condensando todas as suas “sacadas” sobre a lógica da sociedade de mídia? É ele mesmo quem diz: “E se a televisão não remetesse a mais nada, a não ser a si mesma como mensagem? Então a fórmula de McLuhan torna-se totalmente brilhante: o meio engoliu a mensagem e, multimeio, prolifera em todas as direções” (1997, p. 159). Daí a indiferença do público ao publicado, tomando como equivalente isto e aquilo, interessando-se mais pelo meio do que pelos seus conteúdos, ainda mais que, comparados diversos telejornais, poucas são as diferenças de substância entre eles, inclusive porque opinam poucos, procuram distanciar-se dos fatos e, salvo em ocasiões delicadas, simulam o jogo da objetividade jornalística.

A moda agora é a informalidade na apresentação de telejornais, indício claro de que o meio percebe cada vez mais o interesse do público pelos agentes da publicação (publicização) e trata de explorar essa relação entre fã e ídolo, admirador e celebridade. Os fatos viram pretextos para o encontro diário entre público e estrelas: “A verdadeira corrupção, porém, não se encontra aí. O vício secreto está no fato, já assinalado por Umberto Eco, de que os meios de comunicação remetem uns aos outros, e só falam entre eles” (Baudrillard, 1997, p. 159). Mais do que isso, só falam deles. O meio está

ciente de que para o seu público ele conta mais do que aquilo que publica. Se um dia houve pudor de parte dos jornalistas em se colocar como notícia, isso acabou. Hoje, o jornalista deve participar do fato. Daí a profusão de imagens de jornalistas vestindo-se como protagonistas de fatos e simulando participação em acontecimentos que, em princípio, deveriam apenas mostrar. Antes, o jornalista deveria dar a ver, fazer ver, revelar. Agora, deve dar-se a ver, exhibir-se, mostrar-se, ocupar a cena. Retorno, paradoxalmente, de uma cena por muito tempo considerada inadequada e anacrônica, a foto com a clássica legenda desprezada pelos profissionais mais críticos: o repórter ao lado de X ou Y, sendo X ou Y um dos poderosos do mundo da época.

O jornalismo acabou? O entretenimento tomou o lugar da notícia? Espetacularização mercantil da mídia? Declínio da utopia da informação como fator emancipador? Jean Baudrillard emitiu a sua hipótese:

“

*Ora, a informação é talvez um mito, mas nos empanturraram com esse mito sobressalente, substituto moderno dos demais valores. O contraste entre esse mito universal e a situação atual das coisas é impressionante. A verdadeira catástrofe da televisão é essa profunda decepção quanto à função moderna da informação.*

(Baudrillard, 1997, p. 160-161).

Se a emancipação caiu em desuso, tragada pela descrença nos mitos redentores da humanidade, a informação só poderia transformar-se em entretenimento. Nas sociedades modernas, do tempo cada vez mais livre, é preciso saber fazer passar o

tempo. O telejornal entra numa nova fase, a etapa da notícia como terapia ocupacional descolada de qualquer sentido maior. Por que, então, o meio deixaria de falar de si mesmo? A sua tarefa fundamental agora é preencher todos os espaços vazios. Quando tudo já foi dito, quando tudo é dito novamente, nossa atenção recai sobre quem o diz. Voltamos à infância. Olhamos telenovelas e telejornais para vermos e ouvirmos diariamente as mesmas histórias contadas por aqueles a quem amamos. A televisão já não é a madrasta das crianças, mas a avó indulgente dos adultos. ●

## REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean (avec Enrique Valiente Noailles). *Les exilés du dialogue*. Paris: Galilée, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Le Pacte de lucidité, l'intelligence du mal*. Paris: Galilée, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Tela total – mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Le crime parfait*. Paris: Galilée, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A transparência do mal – ensaio sobre os fenômenos extremos*. Campinas: Papyrus, 1990.